

No parágrafo, Marx coloca que *indivíduo* e *sociedade* não existem exclusivamente. São unidade. A sociedade não pode ser pensada como entidade separada ou independente dos indivíduos que a compõe e vice e versa.

Primeiramente, para Marx, o ser humano, visto como elemento individual da sociedade, é *ser social*.

O ser social, assim como os animais, dependem da *natureza inorgânica* para sua existência. A natureza é a base material para a constituição dos animais e, mais do que isso, é elemento que determina a existência destes através de sua relação de causalidade. Mas apesar dos animais dependerem dela, a natureza não é suficiente para caracterizá-los. Podemos dizer que a natureza constitui o corpo inorgânico do ser social (e dos animais), mas não que ele se esgote nessa categoria.

O ser social é também *animal* (ser orgânico), na medida em que, diferente do ser inorgânico, compartilha de suas carências - come, bebe, dorme, etc. -, se reproduz e *trabalha*. Mas a categoria do ser orgânico também não é suficiente para explicar o ser humano. Enquanto que a consciência encontra um papel marginal no animal, no ser social seu papel é central. A relação entre ser e natureza se da, no ser orgânico, de forma espontânea. A atividade animal é puro reflexo da causalidade da natureza.

Por outro lado o ser social é um nível de ser que engloba as duas categorias anteriores, mas não se identifica com elas. Essa categoria tem a consciência como elemento central na sua atividade. O ser social é o ser que pensa, conceitua, abstrai. Diferente do animal que trabalha para suprir carências imediatas individuais, o ser social é capaz de produzir para suprir quaisquer necessidades outras. Ele se organiza em sociedade provendo e absorvendo dela. Por isso, no trabalho, todo o gênero humano se desenvolve

num movimento contínuo de *suprassunção* do ser.

O trabalho do ser social, em termos universais, é autoatividade, objetivação. É o elemento ineliminável que media as relações do ser humano com a natureza objetiva. No trabalho, cada indivíduo produz a si mesmo na medida em que suprassumi seu próprio ser ao externalizar e objetivar sua subjetividade. Mas também determina o ser como gênero, pois objetiva para a sociedade e todo indivíduo da mesma é afetado e incorpora as objetivações de todos os outros seres humanos. Neste sentido sua consciência subjetiva é produto tardio da atividade objetiva do gênero humano. Cada ser humano é determinado pela e determina a exterioridade objetiva.

Assim, o indivíduo pode ser entendido como genérico determinado. O indivíduo é ser genérico particularizado enquanto que a sociedade é ser particular generalizado.

Mas há também um sentido particular (histórico) do trabalho. O que Marx chama de *trabalho estranhado*. *Estranhamento* é o processo pelo qual essa relação entre ser humano e natureza (trabalho) se transforma e passa a ser mediado pelo capital. No trabalho estranhado a objetivação é feita de forma alheia ao indivíduo. Esse alheamento se dá em 3 formas:

1) Alheia o trabalhador do objeto produzido, na medida em que ele produz algo que não é para si, mas para um outro (estranho), que é o empregador.

2) Alheia o trabalhador do próprio trabalho, pois todo o processo produtivo acontece em situações alheias ao trabalhador. O trabalhador sai de sua casa para trabalhar, usa ferramentas que não são as suas, segue as regras de um outro, etc.

3) Alheia o trabalhador do próprio gênero humano, na medida que separa o trabalhador como classe, das próprias objetivações suas. O trabalhador não mais cria universalmente para o gênero humano, mas sim para suprir suas carências. Produz para um outro que limitará o acesso dos indivíduos ao produto por intermédio do capital.